



INTRODUÇÃO

Aprender é uma ação humana que se desenvolve de forma criativa, individual e em que cada um se difere no aprendizado e o faz de maneiras diferentes, independentemente de sua condição intelectual ou cognitiva. Pode-se dizer que são diferentes ideias, opiniões, níveis de compreensão que enriquecem o processo escolar e torna claro o entendimento dos alunos e professores.

A Educação Inclusiva tem por objetivo garantir o direito de todos à educação. Ela pressupõe a igualdade de oportunidades e valoriza diferenças humanas, contempla, assim, as diversidades sociais, étnico-raciais, culturais, intelectuais, sensoriais e de gênero.

A Lei nº 9.394/1996, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação brasileira, reforça nos artigos 58 e 59 a importância do Atendimento Educacional Especial a pessoas com necessidade educacionais. Segundo Mantoan (2003, p. 35) para que aconteça a inclusão de todos nas turmas escolares é preciso que a escola se reorganize, adaptando-se para a chegada desses alunos, neste caso, as escolas precisam estar preparadas para dar suporte necessário para esses alunos, seja na infraestrutura da instituição (rampas, sinais, elevadores...).

Faz-se necessário que a Pedagogia repense alguns conceitos para a formação dos seus alunos. Segundo Hickel (2010, p.27), analisando a questão do ensino e da aprendizagem das crianças com deficiências, afirma que “essa tarefa exige conhecimento, investigação e uma capacidade de criação de novas práticas por parte dos professores para descobrir como esses alunos aprendem”.

A partir das leituras realizadas se faz necessário o seguinte questionamento: Quais são as concepções que os professores da rede pública e particular possuem acerca da inclusão escolar e as interações no ambiente inclusivo? Mediante ao exposto, o objetivo desse estudo é compreender quais as concepções dos professores acerca da inclusão escolar e como são estabelecidas as interações no ambiente inclusivo.

METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza pelo aspecto qualitativo e bibliográfico pelo desenvolvimento de um estudo de caso descritivo. Para alcançar o objetivo apresentado, o trabalho propôs-se, primeiramente, a analisar, com base em informações teóricas através de uma pesquisa bibliográfica, com consultas em livros e artigos publicados em periódicos nacionais sobre o tema. (MASCARENHAS, 2002). Esta pesquisa é um estudo de caso de natureza básica, porque estuda poucos objetos de forma detalhada e busca gerar conhecimento e não aplicação. É também uma pesquisa bibliográfica, porque faz revisão de material teórico sobre o tema de pesquisa; além disso é uma pesquisa descritiva, por descrever determinado fenômeno (GIL, 2008). Para coleta de dados utilizaremos a entrevista, que será mediada por dispositivos como computador e celulares utilizando o aplicativo de mensagens whatsapp e respondidas em tempo real, devido ao isolamento social condicionado pela pandemia do Covid-19.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi realizada uma entrevista com duas professoras, uma de escola pública e outra de escola particular, em que denominamos como Professora A, a docente da escola pública e Professora B, da escola particular.

A professora A, é formada em Pedagogia, Pós-Graduação em Psicopedagogia e atua como docente há 3 anos e a professora B, é formada em pedagogia, não possui pós- graduação, atua como docente há 10 anos.

As professoras A e B relatam que na da Educação Especial, o trabalho colaborativo tem sido utilizado para favorecer a inclusão escolar. De acordo Capellini (2008) “A colaboração está relacionada à contribuição, ou seja, o indivíduo deve interagir com o outro, existindo ajuda mútua ou unilateral”. (CAPELLINI, 2008). De acordo com os dados coletados as professoras A e B respondem as seguintes questões:

O que você, como professor regente, pensa sobre a companhia um professor de apoio para os alunos de inclusão?

O professor de apoio é de extrema necessidade para que o ritmo da sala continue. Não é sempre que as crianças com transtornos estão bem, e nesses momentos o professor de apoio pode sair da sala, utilizar outros recursos para acalmar, coisas que sem o professor de apoio é muito difícil de conciliar. (Professora A).

É fundamental adaptar a aula de acordo com a deficiência do aluno, e na escola em que trabalho, há sim, uma preocupação com os alunos de inclusão. O professor de apoio é de grande ajuda dentro da sala de aula, pois somente a professora regente não consegue auxiliar os alunos com deficiência (Professora B).

Quais as estratégias que você utiliza para trabalhar a inclusão na sala de aula?

Procuro colocar músicas para que fique calmo, brinquedos que tranquilizam para maior participação em algumas atividades nos momentos que não demonstra estar disposto a fazê-las. Desta forma, ele se acalma e consigo fazer com que participe e interaja com os demais colegas. (Professora A).

As estratégias que utilizo na sala de aula dependem muito da deficiência do aluno, Sequência didática, intervenção da pedagogia e jogos didáticos. (Professora B).

Com certeza, para que o ensino de alunos com deficiência ocorra, são necessárias mudanças comportamentais, pedagógicas e conceituais dos professores do ensino comum e, para tanto, as concepções desses professores precisam ser favoráveis à inclusão escolar. (BARROCO; LEONARDO; SILVA, 2012). Portanto, a concepção de professores sobre esse assunto é importante, pois nem sempre os professores modificam suas práticas e podem resistir ao processo de inclusão.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que, com os dados obtidos e com base nas leituras realizadas nos vários teóricos nos mostraram que a concepção do professor sobre a inclusão pode determinar a ação dele no processo que envolve, principalmente, o aluno. Ela determinaria não só as expectativas do professor, mas também a oferta de oportunidades para desenvolver-se, oferecida aos alunos com deficiência e transtorno.

REFERÊNCIAS

- CAPELLINI, V. L. M. Avaliação das possibilidades de ensino colaborativo no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental. 2004. Tese (Doutorado em Educação Especial) Universidade Federal de São Carlos. 2004.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HICKEL, Neusa Kern. Psicopedagogia no Cotidiano Escolar: Impasses e descobertas com o ensino de nove anos. Revista Psicopedagogia, 2010.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão Escolar, O que é? Por quê? Como fazer?. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- MASCARENHAS, Sidnei Augusto. Metodologia Científica. São Paulo: *Person Education* do Brasil, 2002.